

Tragicomedia Pastoril da
Serra da Estrella.

FIGURAS.

SERRA DA ESTRELLA.

HUM PARVO.

GONÇALO.

FELIPA.

CATHERINA.

FERNANDO.

MADANELA.

RODRIGO.

HUM ERMITÃO.

JORGE.

LOPO.

Tragicomedia pastoril feita e representada ao muito poderoso e catholico Rei D. João, o terceiro deste nome em Portugal, ao parto da Serenissima e mui alta Rainha D. Catherina nossa Senhora, e nacimiento da Illustrissima Iffante D. Maria, que depois foi Princeza de Castella, na cidade de Coimbra, na era do Senhor de 1527.

TRAGICOMEDIA PASTORIL
DA
SERRA DA ESTRELLA.

*Entra logo a Serra da Estrella com hum Parvo,
e diz :*

SERRA DA ESTRELLA.

Prazer que fez abalar
Tal serra como eu da Estrella,
Fará engrandecer o mar,
E fará bailar Castella,
E o ceo tambem cantar.
Determino logo essora
Ir a Coimbra assi inteira,
Em figura de pastora,
Feita serrana da Beira,
Como quem na Beira mora.

E levarei lá comigo
Minhas serranas trigueiras,
Cada qual com seu amigo,
E todalas ovelheiras
Que andão no meu pacigo.
E das vaccas mais pintadas,
E das ovelhas meirinhas,
Para dar apresentadas
A' Rainha das Rainhas,
Cume das bem assombradas.

Sendo Rainha tamanha,
Veio ca á Serra embora
Parir na nossa montanha
Outra Princeza d'Hespanha,
Como lhe demos agora :
Hũa rosa imperial
Como a mui alta Isabel,
Imagem de Gabriel,
Repouso de Portugal,
Seu precioso esperavel.

Bem sabe Deos o que faz.

PAR. Bofé, não sabe nem isto ;

A Virgem Maria si ;
Mas quant'elle não he bô,
Nega pera queimar vinhas.

SER. Isso has de tu dizer ?

PAR. Quem ? Deos ? Juro a Deos
Que não faz nega o que quer.

Lá em Coimbra estava eu
Quando a mesma Rainha
Pario mesmo em cas d'in-Rei :
Eu vos direi como foi.
Ella mesma (benza-a Deos)
Estava mesma no Paço,
Qu'ella quando ha de parir
Poucas vezes anda fóra.

Ora a mesma Camareira,
Porque he mesma de Castella,
Rogou á mesma parteira
Que fizesse delle ella.
(Perequi vai a carreira)
Sabeis porque ?
Porque a mesma Imperatriz
Parió mesmo Imperador,
E agora estão aviados,
Mas quando minha mãe paria,
Como a Virgem a livrava,
Tanto se lhe dav'ella
Que fosse aquelle como aquella,
Senão ovos hũa vez.

*Vem Gonçalo, hum pastor da Serra, que vem da
Côrte, e vem cantando.*

GONÇALO.

« Volaba la pega y vaise :
« Quem me la tomasse.
« Andaba la pega
« No meu cerrado,
« Olhos morenos
« Bico dourado
« Quem me la tomasse. »

Pardeos, mui alvoroçada
Anda a nossa Serra agora !

SER. Gonçalo, venhas embora
Pqrque eu estou abalada
Pera sair de mim fóra.

Queria-vos ajuntar
Logo logo, muito asinha,
Para irmos visitar

Nossa Senhora a Rainha,
Querendo Deos ajudar.

GONÇALO.

Eu venho agora de lá,
E segundo o que eu vi,
Que vamos lá bem será.
Isto crede vós qu'he assi ;
Porque dizem que a Princeza,
A menina que naceo,
Parece cousa do ceo,
Hũa estrella muito accesa
Que na terra appareceo.

SERRA.

Gonçalo, eu te direi :
Ella ja naceo em serra,
E do mais fermoso Rei
Que ha na face da terra,
E de Rainha mui bella.
E mais naceo em cidade
Muito ditosa pera ella,
E de grande autoridade.
.E mais naceo em bom dia
Martes, deos dos vencimentos,
E trouxerão logo os ventos
Agua que se requeria
Pera todos mantimentos.

PAR. Às vezes faz Deos cousas,
Cousas faz elle ás vezes
A través, como homem diz.
Nega se meu embeleco,
Vai poer as pipas em sêcco,
E enche d'agua o Mondego :
Fará mais hum demenesteco ?
Engorda os Vereadores,
E sécca as pernas ás moças
De cima bem t'ós artelhos ;
E faz os frades vermellos,
E os leigos amarelllos,
E faz os velhos murzelloos.

Enruça os mancebelhões,
E não attenta por nada ;
Pedem-lhe em Coimbra cevada,
E elle dá-lhe mexilhões
E das solhas em cambada.

GON. Vós, Serra, se haveis d'ir

Com serranas e pastores,
Primeiro se hão d'avir
Hũa manada d'amores,
Que não querem concrudir.

Eu trago na phantasia
De casar com Madanela,
Mas não sei se querrá ella;
Perol eu, bofé, queria.

Vem Felipa, pastora da Serra, cantando.

FELIPA.

« A mi seguem dous açores,
« Hum delles morirá d'amores.
« Dous açores qu'eu havia
« Aqui andão nesta bailia,
« Hum delles morirá d'amores. »

Gonçalo, viste o meu gado ?

Dize se o viste embora.

GON. Venho eu da côrte agora,
E diz que lhe dê recado !

FEL. Pois já tu ca es casado,
Nega que esperão por ti.

GON. E sem mi me casão a mi ?
Ora estou bem aviado !

FELIPA.

Não ha hi nega casar logo,
E fazer vida com ella,
Se não for com Madanela.

GON. Tiro-m'eu fóra do jôgo.

FEL. Essa he a melhor do jôgo.

GON. Ess'outra será Alvarenga ?

FEL. Mas Catherina Meigengra.

GON. Antes me queime mao fogo.

Não vem a Meigengra a conto,
Que he descuidada perdida ;
Traz a saia descosida,
E não lhe dará hum ponto.
Oh quantas lendes vi nella,
E pentear nemigalha ;
E por dá-me aquella palha,
He maior o riso qu'ella.

Varre e leixa o lixo em casa,
Come e leixa alli o bacio ;
Cada dia a espanca o tio,
Nega porque tão devassa
Madanela mata a braza.

Não cuides de mais arenga,
E dize tu, mana, a Meigengra
Que va amassar outra massa.

FELIPA.

Ja teu pae tem dada a mão,
E dada a mão feito he.
GON. Pardeos, dar-lhe-hei eu de pé,
Como a casca de melão.
Raivo eu de coração
D'amores de Madanela.
FEL. Meigengra he mais rica qu'ella,
Qu'essa não tem nem tostão.

GONÇALO.

Arrenego eu do argem,
Que me vem a dar tormento ;
Porque hum so contentamento
Val quanto ouro Deos tem.
Deos me dê quem quero bem,
Ou me tire a vida toda ;
Com a Morte seja a voda,
Antes que outrem me dem.

FELIPA.

Eu me vou pé ante pé
Ver o meu gado onde vai.
GON. E eu quero ir ver meu pae,
Veremos como isto he.
Vem Catherina Meigengra, cantando.

CATHERINA.

« A serra es alta,
« O amor he grande,
« Se nos ouvirane. »

FELIPA.

Onde vas, Meigengra mana ?
CAT. A novilha vou buscar :
Viste-m'a tu ca andar ?
FEL. Não na vi esta somana.
Agora estora vai daqui
Gonçalo que vem da côrte :
Mana, pesou-lhe de sorte
Quando lhe fallei em ti,
Como se foras a morte.
Tem-te tamanho fastio !
CAT. Inda bem, por minha vida ;

Porqu'eu, mana, sam perdida
Por Fernando de meu tio.
S'eu com elle não casar,
D'amores m'hei de finar.
Aborrece-me Gonçalo
Como o cu do nosso gallo ;
Não no queria sonhar.

FELIPA.

Se tu não queres a elle,
Nem elle tampouco a ti.

CAT. Quanta s'elle quer a mi,
Negras más novas vão delle.
Deos me case com Fernando,
E moura logo esse dia,
Porque me mate a alegria
Como o nojo vai matando.

Oh Fernando de meu tio,
Que eu vi polo meu peccado !
FEL. Fernando, esse teu damado
Casava comigo a furto.

CAT. Dize, rogo-t'ó, ha muito ?

FEL. Este sabado passado.

CAT. Oh Jesu ! como he malvado,
E os homens cheios d'enganos ;
Que por mi, vai em tres annos,
Que diz que he demoninhado.

Felipa, gingras tu ou não ?

Isso creio que he chufar ;
E se tu queres gingrar
Não me dês no coração,
Que o que doe não he zombar.

FEL. Elle veio ter comigo
Bem ó penedo da palma,
E disse : Felipa, minh'alma,
Raivo por casar comtigo.
Digo eu, digo :
Vae, vae nadar que faz calma.

CATHERINA.

Olha tu se zombava elle.

FEL. Bem conheço eu zombaria ;
Vi eu, porque eu não queria,
Correr as lagrimas delle.

CAT. Maos choros chorem por elle,
Que assi chora elle comigo,
E vai-se-lhe o gado ó trigo,
E sóis não olha par'elle.

FELIPA.

Eu vou casuso ao cabeça,
Por ver se vejo o meu gado.

CAT. Tal me deixas por meu fado,
Que do meu toda m'esqueço.
Quem soubesse no comêço
O cabo do que começa,
Porque logo se conheça
O qu'eu j'agora conheço.

Vem Fernando cantando.

FERNANDO.

« Com que olhos me olhaste,
« Que tão bem vos pareci ?
« Tão asinha m'olvidaste,
« Quem te disse mal de mi ?

CATHERINA.

A que vens, Fernando honrado ?
Ver Felipa tua senhora ?
Venhas muito da ma hora
Pera ti e pera o gado.

FER. Catalina ! Catalina ! assi
Tolhes-me a falla, Catalina ?
Olha ieramá pera mi ;
Pois que me tu sês assi
Carrancuda e tão mofina,
« Quem te disse mal de mi,
« Com que olhos me olhaste, &c. »

CATHERINA.

Dize, rogo-te, Fernando,
Porque me trazes vendida ?
Se Felipa he a tua querida,
Porque m'andas enganando ?

FER. Eu mouro ; tu estás zombando.

CAT. Oh que não zombo ; Jesu !
Não casavas co'ella tu ?

FER. Eu estou della chufando.

Catalina, esta he a verdade,
Não creias a ninguem nada ;
Que tu me tens bem atada
A alma e a vida e a vontade.

CAT. Pois que choraste com ella,
Não ha hi mais no querer.

FER. De chorar bem pôde ser,
Mas não chorava eu por ella.

Felipa avulta-se contigo,
Vendo-a, foste-me lembrar ;
Então puze-me a chorar
As lembranças de meu p'rigo :
Se ella o tomou por si,
Que culpa lhe tenho eu ?
Mas este amor quem m'o deu,
Deu-m'o todo para ti,
E bem sabes tu qu'he teu.

CATHERINA.

Oh que grande amor te tenho,
E que grande mal te quero.
FER. Ja de tudo desespero :
Tão desesperado venho,
Que ja mal nem bem não quero.
Teu pae tem-te ja casada
Com Gonçalo d'antemão,
E eu fico por esse chão,
Sem me ficar de ti nada,
Senão dor de coração.

Ver-te-has em outro poder,
Ver-te-has em outro lugar,
Eu logo sem mais tardar,
Frade prometto de ser,
Pois os diabos quizerão.
E alli me deixarão
Tanta de imaginação,
Quanta teus olhos me derão
Desde o dia d'Acenção.

CATHERINA.

Mas casemos, dá ca a mão,
E dir-lhe-hei que sam casada.
FER. Ja tenho palavra dada
A Deos de religião,
Ja não tenho em mi nada.
CAT. Oh quantos perigos tem
Este triste mar d'amores,
E cada vez são maiores
As tormentas que lhe vem.

Se tu a ser frade vas,
Nunca me verão marido :
Tu seras frade mettido
Porém tu me metterás
Na fim da Rainha Dido.
FER. Não se.poderá escusar

*h
culpa del*

e h

De casares com Gonçalo ;
 E querendo tu escusá-lo,
 Não no podes acabar,
 Que teu pae ha de acabá-lo.

CATHERINA.

Sé libera nos a malo !
 Nunca Deos ha de querê-lo ;
 E Gonçalo não me quer,
 Nem eu não quero a Gonçalo.
 Eilo vem : vê-lo, Fernando ?
 Vem em cima na portela ;
 Diante vem Madanela :
 Aquella anda elle buscando.
 Vamo-los nós espreitar
 Alli detras do vallado ;
 E veremos seu cuidado
 Se te dá em que cuidar,
 Ou se falla desviado.

Vem Madanela cantando, e Gonçalo detras della

MADANELA.

« Quando aqui chove e neva,
 « Que fará na serra.
 « Na serra de Coimbra
 « Nevava e chovia,
 « Que fará na serra ? »

Gonçalo, tu a que vens ?

GON. Madanela, Madanela !

MAD. Torna-te ma hora e nella
 Que tão pouco empacho tens.

GON. Madanela, Madanela !

MAD. O' decho dou eu a amargura :
 Qu'assi m'agasta, Jesu !
 Ora tras mi te vens tu ?

GON. Pois a mi se m'affigura
 Que não m'has de comer cru.

Se tu me queres matar
 Por t'eu ter boa vontade,
 Não póde ser de verdade.

MAD. Gonçalo, torna a lavar,
 Que isso tudo he vaidade.

GON. Que rezão me dás tu a mi
 Pera não casar comigo ?

Eu hei de ter muito trigo,
 E hei-te de ter a ti
 Mais doce que hum pintisirgo.

Não quero que vas mondar,
 Não quero que andes ó sol;
 Pera ti seja o folgar,
 E pera mim fazer prol.
 Queres Madanela?

MAD. Gonçalo, torna a lavrar,
 Porque eu não hei de casar
 Em toda a serra d'Estrella,
 Nem te presta prefiar.

Catalina he muito boa,
 Ferosa quanto lhe basta,
 Quer-te bem, he de boa casta,
 E bem sesuda pessoa.
 Toma tu o que te dão
 Em pago do que desejas.

GON. Ai, rogo-te que não sejas
 Aia do meu coração.

MAD. Vae-te d'hi, que parvoejas.

GONÇALO.

Não quero casar có'ella.

MAD. Nem eu tampouco contigo.
 Vês? Casuso vem Rodrigo
 Tras Felipa, que he aquella
 Que não no estima n'hum figo.

Vem Rodrigo cantando

RODRIGO.

« Vayámonos ambos, amor, vayamos,

« Vayamos ambos.

« Felipa e Rodrigo passavão o rio,

« Amor, vayámonos. »

Felipa, como te vai?

FEL. Que tens tu de ver c'o isso?

Dias ha que t'eu aviso

Que vas gingrar com teu pae.

ROD. Não estou eu, mana, nisso.

FEL. Quem te mette a ti comigo?

ROD. Felipa, olha pera ca,

Dá-me essa mão, ieramá.

FEL. Tir'-te, tir'-te eramá lá.

Tu que diabo has contigo?

RODRIGO.

Felipa, ja tu aqui es?

FEL. Rodrigo, ja tu comesas?

Tu tens das mais vans cabeças...

Não quero ser descortez.
Rod. Nem queiras tu er ser assi
Gravisca e escandalosa ;
Mas tem graça pera mi,
Como tu es graciosa
E fermosa pera ti.

FELIPA.

Cada hum s'ha de regrar
Em pedir o que he rezão :
Tu pedes-me o coração,
E eu não t'o hei de dar,
Porque he mui fóra de mão.
E quanto monta a casar,
Ainda qu'eu guarde gado,
Meu pae he juiz honrado
Dos melhores do lugar,
E o mais aparentado.

E andou ja na Côrte assaz,
E fallou-lhe ElRei ja,
Dizendo-lhe : Affonso Vaz,
Em Fronteira e Monçarraz
Como val o trigo lá ? —
Ora eu pera casar ca,
Rodrigo, não he rezão.

Rod. Se casasses com páção,
Que grande graça seria
E minha consolação !
Que te chame de ratinha,
Tinhosa cada meia hora,
Inda que a alma me chora,
Folgarei por vida minha,
Pois engeitas quem t'adora :
E te diga, tir-te la,
Que me cheiras a cartaxo.
Pois te desprezas do baxo,
O alto te abaxará.

FELIPA.

Quando vejo hum cortezão
Com pantufos de veludo,
E hũa viola na mão,
Tresanda-me o coração,
E leva-me a alma e tudo.

Rod. Gonçalo vai-me ajudar
A acabar minha charrua,
E eu t'ajudarei á tua,

Que est'outro s'ha d'acabar
Quando a dita vir a sua.

GONÇALO.

Eu sam ja desenganado,
Quanto monta a Madanela.

ROD. Deve-te lá d'ir com ella
Como a mi vai, mal peccado,
Com Felipa.

GON. Assi he ella.

ROD. E tu, Fernando, em que estás ?

FER. Estou em muito e em nada,
Porque a vida namorada
Tem cousas boas e más.

• *Vem hum Ermitão, e diz :*

ERMITÃO.

Fazei-me esmola, pastores,
Por amor do Senhor Deos.

ROD. Mas faça elle esmola a nós,
E seja qu'estes amores
Se atem com senhos nós.

ERM. O casar Deos o provê,
E de Deos vem a ventura,
Da ventura a creatura,
Mas com dita he por mercê,
E tambem serve a cordura.
Ponde-vos nas suas mãos,
E não cureis d'escolher ;
Tomae o que vos vier,
Porque estes amores vão
Terão certo arrepender.
Filhas, aqui estais escriptas ;
Filhos, tomae vossa sorte,
E cada hnm se comporte
Dando graças infinitas
A Deos e a ElRei e á Côrte.

Tirou o Ermitão da manga tres papelinhos escriptos, e os deu aos pastores, que tomasse cada hum sua sorte, e diz o

ERMITÃO.

Rodrigo tome primeiro,
Veremos como se guia.

ROD. Nome da Virgem Maria ! —
Lede, padre, esse letreiro,
Se me cega ou alumia.

(Lê o Ermitão o escrito.)

*Deos e a ventura manda
Que quem esta sorte houver
Tome logo por mulher
Felipa sem mais demanda.*

RODRIGO.

Vencida tenho eu a batalha,
Felipa, mana, vem ca.

FEL. Tir'-te, tir'-te eramá lá :
E tu cuidas que te valha ?
Nunca teu ôlho verá.

GON. Ora vae, Fernando, tu,
Veremos que te virá.

FER. Alto, nome de Jesu !
Lede, Padre ; que vai lá ?

(Lê o Ermitão.)

*A sentença he já dada,
E a sustancia della,
Que cases com Madanela.*

MAD. Fernando, não me dá nada,
Seja muito embora e nella.

FER. Dias ha que t'o eu digo,
E tu tinhas-me fastio.

CAT. Oh Fernando de meu tio,
Quem me casára contigo !

GONÇALO.

Oh Madanela, ieramá
Se me cahiras em sorte !

GAT. Ante eu morrêra ma morte,
Que Fernando ficar lá
Tão contraíro do meu norte.
E porém não me dá nada,
Ja me tu a mi pareces bem,
Gonçalo.

GON. E tu a mi,
Catalina ; muda-te d'hi
E passeia per hi alem,
Verei que ar das de ti.

FELIPA.

Estou-t'eu, Rodrigo, olhando,
E vou sendo ja contente.

ROD. Se de mi não es contente,
Não t'hei de andar mais rogando :

Eu ando-te namorando,
E tu acossas-me cada dia.
CAT. Inda qu'eu isso fazia,
Rodrigo, de quando em quando,
Mui grande bem te queria.

E quando eu refusava
De te tomar por amigo,
Não ja porque eu não folgava,
Mas porque t'examinava,
Se eras tu moço atrevido.

ERM. Agora quero eu dizer
O que aqui venho buscar.
Eu desejo de habitar
N'hũa ermida a meu prazer,
Onde podesse folgar.

E queria-a eu achar feita
Por não cansar em fazê-la,
Que fosse a minha cella
Antes bem larga qu'estreita,
E que podesse eu dançar nella :
E que fosse n'hum deserto
D'infindo vinho e pão,
E a fonte muito perto
E longe a contemplação.

Muita caça e pescaria,
Que podesse eu ter coutada
E a casa temperada :
No verão que fosse fria,
E quente na internada.
A cama muito mimosa,
E hum cravo á cabeceira ;
De cedro a sua madeira :
Porque a vida religiosa
Queria eu desta maneira.

E fosse o meu repousar
E dormir até taes horas,
Que não podesse rezar,
Por ouvir cantar pastoras,
E outras assobiar.
A' cea e jantar perdiz,
O' almoço moxama,
E vinho do seu matiz ;
E que a filha do juiz
Me fizesse sempre a cama.
E em quanto eu rezasse
Esquecess'ella as ovelhas,
E na cella me abraçasse

E mordessee nas orelhas,
Inda que me lastimasse.
Irmãos, pois deveis saber
Da serra toda a guarida,
Praza-vos de me dizer
Onde poderei fazer
Esta minha sancta vida.

GONÇALO.

Está alli, padre, hum silvado
Viçoso, verde, florido,
Com espinho tão comprido,
E vós nu alli deitado
Perderieis o proido.
Ja fostes casamenteiro,
I-vos, não esteis hi mais,
Porque a vida que buscais
Não na dá Deos verdadeiro,
Indaque lh'a vós peçais.

SERRA.

Ora, filhos, logo essora,
Cada hum com sua esposa,
Vamos ver a poderosa
Rainha nossa Senhora,
Sem nenhum de vós pôr grossa,
Porque he forçoso que va,
Que segundo minha fama
Da Rainha hei de ser ama,
E a isso vou eu lá.

Que tal leite como o meu
Não no ha em Portugal;
Que tenho tanto e tal,
É tão fino Deos m'o deu,
Que he manteiga, e não al.
E pois ha de ser senhora
De tão grande gado e terra,
Quem outra ama lhe der, erra,
Porque a perfeita pastora
Ha de ser da minha serra.

GONÇALO.

Ha mister grandes presentes
Das villas, casaes e aldea.

SER. Mandará a villa de Cea
Quinhentos queijos recentes,
Todos feitos á candeia,

E mais trezentas bezerras,
 E mil ovelhas meirinhas,
 E duzentas cordeirinhas,
 Taes, que em nenhũas serras
 Não nas achem tão gordinhas.

E Gouvea mandará
 Dous mil sacos de castanha,
 Tão grossa, tão san, tamanha,
 Que se maravilhará
 Onde tal cousa s'apanha.
 E Manteigas lhe dará
 Leite para quatorze annos,
 E Covilhan muitos pannos
 Finos que se fazem lá.

Mandarão desses casaes
 Que estão no cume da serra,
 Penna pera cabeças,
 Toda de aguias reaes
 Naturaes mesmo da terra.
 E os do Val dos Penados
 E montes dos tres caminhos,
 Que estão em fortes montados,
 Mandarão empresentados
 Trezentos forros d'arminhos
 Pera forrar os brocados.

Eu hei-lhe de apresentar
 Minas d'ouro que eu sei,
 Com tanto que ella ou ElRei
 O mandem ca apanhar :
 Abasta que lh'o criei.

GON. E afora ainda os presentes,
 Havemos-lhe de cantar,
 Muito alegres e contentes,
 Pola Deos allumiar,
 Por alegria das gentes.

Vem dous foliões do Sardoal, Jorge e Lopo, e diz a

SERRA.

Sois vós de Castella, manos,
 Ou lá debaixo do extremo ?

JOR. Agora nos faria o demo
 A nós outros Castelhanos :
 Queria antes ser lagarto,
 Polos sanctos avangelhos.

SER. Donde sois ?

JOR. Do Sardoal ;
 E ou bebê-la, ou vertê-la,

Vimos ca desafiar
A toda a Serra d'Estrella
A cantar e a bailar.

RODRIGO.

Soberba he isso perem,
Pois ha aqui tantos pastores,
E tão finos bailadores,
Que não ha hi medo a ninguem.

LOP. Muitos ratinhos vão lá
De ca da serra a ganhar,
E lá os vemos cantar
E bailar bem como ca,
E he assi desta feição.

Canta Lopo e baila, arremedando os da Serra.

« E se ponerei la mano em vós
« Garrido amor.

« Hum amigo que eu havia
« Mançanas d'ouro m'envia,
« Garrido amor.

« Hum amigo que eu amava,
« Mançanas d'ouro me manda,
« Garrido amor,

« Mançanas d'ouro m'envia,
« A melhor era partida,
« Garrido amor. »

Isso he, ou bem ou mal,
Assi como o vós fazeis.

SER. Peço-vo-lo que canteis
A' guisa do Sardoal.

LOP. Esse he outro carrascal ;
Esperae ora e vereis.

« Ja não quer minha senhora
« Que lhe falle em apartado ;
« Oh que mal tão alongado !

« Minha Senhora me disse
« Que me quer fallar hum dia,
« Agora por meu peccado

« Disse-me que não podia :
« Oh que mal tão alongado !
« Minha senhora me disse

« Que me queria fallar,
« Agora por meu peccado
« Não me quer ver nem olhar,

« Oh que mal tão alongado !
« Agora por meu peccado

« Disse-me que não podia.
 « Ir-me-hei triste polo mundo
 « Onde me levar a dita.
 « Oh que mal tão alongado ! »

*Esta cantiga cantarão e bailarão de terreiro os foliões,
 e acabada, diz*

FELIPA.

Não vos vades vós assi,
 Leixae ora a gaita vir,
 E o nosso tamboril,
 E ireis mortos daqui,
 Sem vos saberdes bolir.

CAT. Em tanto por vida minha
 Sera bem que ordenemos
 A nossa chacotazinha,
 E com ella nos iremos
 Ver ElRei e a Rainha.

*Ordenarão-se todos estes pastores em chacota, como
 lá se costuma, porém a cantiga della foi cantada de
 canto d'orgão e a letra he a seguinte Cantiga :*

« Não me firais, madre,
 « Que eu direi a verdade.
 « Madre, hum escudeiro
 « Da nossa Rainha
 « Fallou-me d'amores :
 « Vereis que dizia,
 « Eu direi a verdade.
 « Fallou-me d'amores,
 « Vereis que dizia :
 « Quem te me tivesse
 « Desnuda em camisa !
 « Eu direi a verdade. »

E com esta chacota se sahirão, e assim se acabou.